

**UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA  
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS E AGRÁRIAS – CCHA  
DEPARTAMENTO DE LETRAS E HUMANIDADE – DLH  
LICENCIATURA PLENA EM LETRAS**

**BRUNA SOARES CAVALCANTE**

**MACABÉA EM BUSCA DA VIDA: A MULHER NORDESTINA EM *A HORA DA ESTRELA***

**CATOLÉ DO ROCHA – PB  
2022**

BRUNA SOARES CAVALCANTE

**MACABÉA EM BUSCA DA VIDA: A MULHER NORDESTINA EM A *HORA DA ESTRELA***

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Departamento de Letras e Humanidades (CCHA/ *CAMPUS IV* da Universidade Estadual da Paraíba, como requisito parcial à obtenção do título de Graduada em Letras.

**Orientadora:** Profa. Ma. Maria Karoliny Lima de Oliveira

**CATOLÉ DO ROCHA – PB**

**2022**

**BRUNA SOARES CAVALCANTE**

**MACABÉA EM BUSCA DA VIDA: A MULHER NORDESTINA EM A HORA DA  
ESTRELA**

Aprovada em 03 / 03 / 2022.

**BANCA EXAMINADORA**

*Maria Karoliny Lima de Oliveira*

---

Orientadora: Prof.<sup>a</sup> Ma. Maria Karoliny Lima de Oliveira  
UEPB – CCHA/DLH

*Ana Paula Lima Carneiro*

---

Examinadora: Prof.<sup>a</sup> Ma. Ana Paula Lima Carneiro  
UERN – PPGL

*Marta L. Nunes*

---

Examinadora: Prof.<sup>a</sup> Ma. Marta Lúcia Nunes  
UEPB – CCHA/DLH

**CATOLÉ DO ROCHA – PB  
2022**

É expressamente proibido a comercialização deste documento, tanto na forma impressa como eletrônica. Sua reprodução total ou parcial é permitida exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, desde que na reprodução figure a identificação do autor, título, instituição e ano do trabalho.

C376m Cavalcante, Bruna Soares.  
Macabéa em busca da vida: a mulher nordestina em a hora da estrela [manuscrito] / Bruna Soares Cavalcante. - 2022.  
29 p.

Digitado.

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Letras Português) - Universidade Estadual da Paraíba, Centro de Ciências Humanas e Agrárias, 2022.

"Orientação : Profa. Ma. Maria Karoliny Lima de Oliveira , Departamento de Letras e Humanidades - CCHA."

1. Lispector. 2. Representação da mulher. 3. Literatura. 4. A Hora da estrela. I. Título

21. ed. CDD 401.41

## AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente a **Deus**, pela força e muita coragem por não ter desistido apesar de todas as dificuldades enfrentadas.

A minha família, mais especialmente aos meus pais **Ivan Márcio Cavalcante** e **Fabiana Diniz Soares Cavalcante**, pelo apoio e incentivo a continuar, aos meus irmãos **Ivana Soares Cavalcante**, **Ivan Márcio Cavalcante Júnior**, **Patrick Wennisten Soares Cavalcante** e a minha prima **Maria Eduarda Soares Carneiro**, por ter me auxiliado, aturando todos os meus surtos e me ajudando a manter a calma e a paciência.

A minha professora e orientadora **Maria Karoliny Lima de Oliveira** pela orientação, tamanha paciência e gentileza.

Aos professores que fizeram parte da minha jornada acadêmica até o momento presente, que transmitiram todo o conhecimento que tenho hoje e que levarei para a vida.

Aos meus amigos que são muito importantes, por terem me proporcionado momentos que nunca esquecerei, não citarei nomes, pois posso esquecer algum e deixar a pessoa chateada.

E por fim, mas não menos importante, a mim **Bruna Soares Cavalcante**, por não ter desistido e ter chegado até onde cheguei, apesar de não ter sido nada fácil, a todos o meu muito obrigado.

## SUMÁRIO

<b>1 INTRODUÇÃO .....</b>	<b>9</b>
<b>2 LITERATURA E SOCIEDADE: ALGUMAS CONSIDERAÇÕES .....</b>	<b>12</b>
2. 1 A mulher na literatura contemporânea de autoria feminina.....	14
<b>3 MACABÉA, A ESTRELA NORDESTINA NA MORTE? .....</b>	<b>18</b>
3.1 As personagens femininas no universo romanesco de Lispector.....	18
3.2 A hora da estrela: breve relato.....	20
3.3 A contraposição de estereótipos femininos: a carioca e a nordestina.....	23
3.4 Macabéa: uma imigrante nordestina no Rio de Janeiro.....	25
<b>4 CONSIDERAÇÕES FINAIS .....</b>	<b>28</b>
<b>5 REFERENCIAS BIBLIOGRÁFICAS .....</b>	<b>29</b>

## RESUMO

A literatura, assim como as outras artes, está interligada às representações e problemáticas que constituem a sociedade. Diante desse pressuposto, considerando a mulher como forte símbolo social, verificamos a necessidade da autoria feminina e das personagens por elas abordadas serem mais exploradas, engajando maiores reflexões no cosmo literário brasileiro. O presente trabalho refere-se a uma análise da representação da mulher nordestina no universo ficcional da obra literária *A Hora da Estrela*, de Clarice Lispector a partir da relação entre literatura e sociedade à luz dos aportes teóricos e críticos de: Candido (2006), Zolin (2009), Schwantes (2006), entre outros autores. Trata-se de uma pesquisa qualitativa e bibliográfica através da qual se propõe analisar a maneira que a mulher é representada na obra já citada, bem como a importância da literatura de autoria feminina em nossa sociedade. Logo, percebemos o sujeito mulher na luta pelo espaço nas Letras e, posteriormente, com a análise interpretativa do objeto de estudo deste trabalho, identificamos o estereótipo feminino nordestino, enraizado e denunciado na escrita poética de Clarice.

**Palavras-Chave:** Lispector. Representação da mulher. Literatura. *A Hora da Estrela*.

## ABSTRACT

Literature, as well as the other arts, is interconnected to the representations and problems that constitute society. Given this assumption, and considering the woman as a strong social symbol, we see the need for female authorship and the characters they address to be more explored, engaging greater reflections in the Brazilian literary cosmos. The present work refers to an analysis of the representation of the northeastern woman in the fictional universe of the literary work *The Hour of the Star*, by Clarice Lispector from the relationship between literature and society in the light of the theoretical and critical contributions of: Candido (2006), Zolin (2009), Schwantes (2006), among other authors. This is a qualitative and bibliographic research through which we propose to analyze the way women are represented in the aforementioned work, as well as the importance of literature written by women in our society. Therefore, we perceive the female subject in the struggle for space in the literature and, subsequently, with the interpretative analysis of the object of study of this work, we identify the northeastern female stereotype, rooted and denounced in Clarice's poetic writing.

**Key-words:** Lispector. Representation of women. Literature. A hora da Estrela.



## 1. INTRODUÇÃO

A literatura pode ser compreendida como a arte de criar com as palavras, e está presente em nosso meio, a sua relação com a sociedade se dá através de diversos estudos sobre a história da formação do fazer literário dos tempos passados realizados por sociólogos, assim pode-se dizer que o artista/autor é um crítico social que concretiza suas ideias em forma de obras literárias.

Diante desse cenário, podemos perceber que a representação da mulher na literatura era ignorada pelos historiadores, pois a interpretavam como obra de crítica e resistência à sociedade patriarcal e pelo fato de considerarem que a ideia feminina não teria relevância. Todavia, a partir, e, graças às lutas por inserção social e cultural tidas na história, as obras de autoria feminina foram conquistando o espaço de direito na sociedade e no meio literário composto, em sua maioria, apenas por homens brancos de classe média alta. Nesse ínterim, Cíntia Schwantes (2006) argumenta que:

Evidentemente, a representação do feminino é regida por convenções que enfrentaram mudanças significativas ao longo do tempo. Isso se deu conforme as possibilidades socialmente abertas à mulher se foram ampliando em consequência do acesso ao mercado de trabalho e ao ensino superior, e a inserção em uma ordem social mais ampla, como o configurado pela conquista do voto feminino. (SCHWANTES, 2006, p. 8).

Na obra em análise, percebemos que, segundo o narrador de *A Hora da Estrela*, a mulher seria incapaz de escrever ou até mesmo de narrar uma história, em decorrência do fato dela ser vista como um ser sentimental, que iria manchar tudo com suas lágrimas, assim era formulado o preconceito com o sexo oposto. Ele também alega de forma depreciativa e preconceituosa as origens pobres e miseráveis da jovem nordestina, protagonista, que estava buscando novas maneiras de encontrar sentido para sua vida.

Atualmente é possível observar a existência de diversos tipos de preconceitos, um deles é o regional, abordado no livro *A Hora da Estrela*, publicado no ano de 1977, da autora Clarice Lispector, assim, realizamos uma interpretação crítica a partir da história de Macabéa, mulher nordestina saída de Maceió para o Rio de Janeiro acompanhada da sua tia e vítima de discriminações pela sociedade. Logo, nos chamou a atenção, o seguinte problema: Como a mulher nordestina é representada no universo ficcional de Lispector e de que forma as discriminações

vivenciadas pela personagem contribuem nos acontecimentos que a envolvem durante a narrativa?

Para responder tais questionamentos, propomos uma pesquisa qualitativa, que tem como objetivo analisar a representação da mulher no universo ficcional da obra literária, e como objetivos específicos investigar como é abordado o preconceito contra o nordestino, bem como verificar a maneira que a personagem se constitui nos espaços públicos do Rio de Janeiro.

Dessa forma, o presente trabalho se desenvolverá a partir da relação entre literatura e sociedade à luz dos aportes teóricos e críticos de: Candido (2006), Zolin (2009), Schwantes (2006), dentre outros autores que irão auxiliar no processo de análise sobre esse estudo. Teorias como as de Candido servem para entender melhor a história da relação entre literatura e a sociedade, bem como Schwantes apresenta-se relevante para a compreensão da mulher e de sua importância e relevância na sociedade.

É importante observar o fato da significância da literatura de autoria feminina, pois é relevante para que possamos enxergar essas obras com outros olhos. Através delas é possível notar que a maioria das obras literárias é escrita por homens, no entanto, são necessárias as leituras e a visibilidade de mais obras escritas por mulheres para uma melhor compreensão do universo feminino e sua importância para a literatura.

Para tanto, a pesquisa encontra-se organizada em três focos discursivos: a relação entre literatura e sociedade, o papel de prática social do texto poético como argumenta Candido (2006); a representação literária da mulher na literatura de autoria feminina, focalizando no universo romanesco de Clarice Lispector e, posteriormente, no tópico de análise, iniciamos com a realização de algumas considerações acerca da obra, objeto deste estudo, observando a contraposição de estereótipos femininos, em seguida, focalizamos na análise da protagonista, Macabéa, uma imigrante nordestina, entendendo sua visibilidade dentro dos espaços sociais brasileiro, essencialmente, no Rio de Janeiro, Sudeste do país.

O tema da pesquisa foi definido devido a necessidade de analisar como o sujeito mulher é abordado tanto na obra *A Hora da Estrela* como em outras obras de Lispector, considerando a importância de explorar esse contexto no meio acadêmico. Após a leitura da obra, que foi uma das primeiras lidas ao decorrer do curso, viu-se a necessidade de abordar esses temas que são bastante recorrentes, porém pouco

explorados. A pesquisa também contribui para dar visibilidade a problemas sociais vigentes presentes na obra como o machismo e a xenofobia sofridos pela protagonista.

Diante desse estudo, podemos ver o quanto a mulher luta arduamente para conseguir seu lugar na literatura e afirmar o seu verdadeiro potencial e capacidade, demonstrar também a sua devida importância tanto social quanto cultural, as obras de autoria feminina servem também para nos mostrar que cada vez mais as mulheres têm a sua própria maneira de enxergar o mundo através da literatura e assim encontrando mais representação no universo literário.

## 2 LITERATURA E SUAS RELAÇÕES COM A SOCIEDADE: ALGUMAS CONSIDERAÇÕES

A literatura acontece na interação social, ela é responsável por transmitir a cultura e os conhecimentos de uma sociedade, além de retratar a realidade de seu povo. Assim como todas as artes, a literatura não consegue ser indiferente ao meio social a qual pertence, pois é fruto das relações entre o escritor, público e sociedade e essas relações acabam gerando uma reflexão no leitor e auxiliando na busca pela transformação de sua realidade. Muitos autores se debruçam sob os estudos das relações entre a literatura e a sociedade, suas semelhanças e problemáticas existentes.

Antonio Candido (1918-2017) foi um crítico literário, sociólogo, ensaísta e professor brasileiro, além de um dos maiores nomes dos estudos literários no Brasil. Deixou importantes artigos e ensaios produzidos, foi crítico de jornal e pesquisador acadêmico. *Literatura e Sociedade* (2006) é uma coletânea de ensaios fundamentais do percurso intelectual do autor que foram publicados em momentos distintos, nele Candido efetua uma análise acerca da contribuição das ciências sociais para a literatura.

Neste tópico, discutiremos dos aspectos que constituem a relação entre literatura e sociedade, visando compreender o papel que ambas têm na existência da outra, baseado nas reflexões críticas em *Literatura e Sociedade* (2006). Nessa obra, o autor enfatiza a importância de fazer uma análise das relações sociais com o intuito de compreendê-las e estudá-las em um ponto de vista sociológico mais profundo:

É o que vem sendo percebido ou intuído por vários estudiosos contemporâneos, que, ao se interessarem pelos fatores sociais e psíquicos, procuram vê-los como agentes da estrutura, não como enquadramento nem como matéria registrada pelo trabalho criador, e isto permite alinhá-lo entre os fatores estéticos. A análise crítica de fato, pretende ir mais fundo, sendo basicamente a procura dos elementos responsáveis pelo aspecto e o significado da obra, unificados para formar um todo indissolúvel [...]. (CANDIDO, 2006, p. 14).

Nesse sentido, para realizar a interpretação de uma obra, é necessário considerar as circunstâncias históricas de sua composição e as operações formais que a constituem, para que seja possível, assim, compreender e descrever sua

integralidade. De acordo com o autor, é importante atentar-se ao dinamismo da obra e as relações entre a arte e o meio social, elencando seis tipos comuns de estudos sociológicos em literatura, considerando critérios tradicionais que permeiam sociologia, história e crítica.

Todas estas modalidades e suas numerosas variantes são legítimas e, quando bem conduzidas, fecundadas, na medida em que as tomarmos, não como crítica, mas como teoria e história sociológica da literatura, ou como sociologia da literatura, embora algumas delas satisfaçam também as exigências próprias do crítico. (CANDIDO, 2006, p. 20).

Ainda sob essa ótica, o autor continua abordando que a literatura, quando tida como fenômeno de civilização, se constitui de vários fatores sociais que se integram como forma artística, constituindo a estrutura das obras. Esses fatores contribuem para a autonomia e singularidade da obra literária:

Hoje sentimos que, ao contrário do que pode parecer à primeira vista é justamente essa concepção da obra como organismo que permite, no seu estudo, levar em conta e variar o jogo dos fatores que a condicionam e motivam; pois quando é interpretado como elemento de estrutura, cada fator se torna componente essencial do caso em foco, não podendo a sua legitimidade ser contestada nem glorificada a priori. (CANDIDO, 2006, p.24).

Candido também estimula algumas reflexões e conceitos importantes para a crítica e conhecimento da realidade histórica. Fatores como a posição social são determinantes no que se refere a estrutura da sociedade, no caso da literatura, a posição social do autor é o que, para Candido (2006), possibilita a formação e diferenciação de grupos de artistas. Em outras palavras, na arte, elementos individuais ganham significado social ao passo que o artista corresponde a necessidades coletivas

Devido a um e outro motivo, à medida que remontamos na história temos a impressão duma presença cada vez maior do coletivo nas obras; e é certo, como já sabemos, que forças sociais condicionantes guiam o artista em grau maior e menor. Em primeiro lugar, determinando a ocasião da obra ser produzida; em segundo, julgando da necessidade dela ser produzida, em terceiro, se vai ou não se tornar um bem coletivo. (CANDIDO, 2006 p. 34).

Nessa perspectiva, uma obra é realizada de fato quando configurada pelo artista e pelas condições sociais que estabelecem sua posição. Para Candido (2006), os valores sociais, ideológicos e os meios de comunicação variam na obra através do impulso de seu criador.

Tanto quanto valores, as técnicas de comunicação de que a sociedade dispõe influem na obra, sobretudo na forma e, através dela, nas suas possibilidades de atuação no meio. Estas técnicas podem ser imateriais – como o estribilho das canções, destinadas a ferir a atenção e a gravar-se na memória; ou podem associar-se a objetos materiais como o livro, um instrumento musical, uma tela. (CANDIDO, 2006, p. 41).

O público, no ponto de vista do autor, é quem dá sentido à obra e sem ele sua obra não se concretiza de fato, pois, é o público que influencia e reflete sua arte (CANDIDO, 2006). De acordo com Candido, a obra, o autor e o público são uma “tríade indissolúvel”, principalmente no caso da literatura, o público é o que faz a ligação entre o escritor e sua própria obra.

Assim, a série autor-público-obra junta-se a outra: autor-obra-público. Mas o autor, do seu lado, é intermediário entre a obra, que criou e o público a que se dirige; é o agente que desencadeia o processo, definindo uma terceira série interativa: obra-autor-público. (CANDIDO, 2006, p. 41).

Essa relação deixa claro que, por meio de suas obras, o escritor tem poder de representar um certo grupo, apontar as desigualdades e promover a reflexão e a transformação da realidade. A literatura é construção, expressão e conhecimento de uma sociedade sendo um poderoso instrumento de mobilização social.

## **2.1 A mulher na literatura contemporânea de autoria feminina**

Desde seu surgimento em nossa sociedade, a literatura é um ambiente majoritariamente masculino e isso não ocorre porque homens têm mais histórias ou mais capacidade para escrever do que as mulheres, mas sim devido à pressão sociocultural que sempre existiu em torno do papel da mulher. O perfil do escritor de romances publicado por editoras renomadas é sempre o mesmo: homens brancos de

classe média ou alta, em sua maioria heterossexuais, nascidos nas grandes cidades, assim como seus protagonistas e narradores, percebemos então que:

A inferioridade feminina que encontra suas raízes na diferença sexual estender-se-á a todo seu ser, em particular às suas faculdades intelectuais. Constituem-se as mulheres, de acordo com a maioria dos filósofos iluministas, no ser da paixão, da imaginação, não do conceito. Não seriam capazes de invenção e, mesmo quando passíveis de ter acesso à literatura e a determinadas ciências, estariam excluídas da genialidade. A beleza, atributo desse sexo, era incompatível com as faculdades nobres, figurando o elogio do caráter de uma mulher como uma prova de sua lealdade. (SOIHET, 1997, p. 03).

Portanto, durante muito tempo as pessoas acreditavam que a mulher era inferior intelectualmente, pois era colocada apenas como objeto de beleza e desejo ou como cuidadora da casa e dos filhos, cujos pensamentos eram reduzidos e relacionados a sentimentos como o amor. Isso criou uma espécie de barreira na produção da literatura feminina, no sentido de que se a mulher era condicionada ao espaço privado seu conhecimento de mundo acabava sendo pequeno, de certa forma, pois a ela não era dado o livre arbítrio de decidir outra função para exercer, como podemos observar:

A considerável produção literária de autoria feminina, publicada à medida que o feminismo foi conferindo à mulher o direito de falar, surge imbuída da missão de “contaminar” os esquemas representacionais ocidentais, construídos a partir da centralidade de um único sujeito (homem, branco, bem situado socialmente), com outros olhares, posicionados a partir de outras perspectivas. O resultado, sinalizado pelas muitas pesquisas realizadas no âmbito da Crítica Feminista desde os anos 1980 no Brasil, aponta para a reescritura de trajetórias, imagens e desejos femininos. (ZOLIN, 2009, p. 106).

Desse modo, a produção artística escrita por mulheres encontra-se na postura de minoria social considerando que o cânone da literatura apresenta ausência de nomes femininos em comparação as construções poéticas masculinas e em reflexo aos discursos de poder do homem enraizados no contexto social. Podemos ver como exemplo, a quantidade de pseudônimos adotados por escritoras para publicação de livros ou obras de visibilidade. Por isso a importância do posicionamento e da resistência feminina, pois no cenário da literatura contemporânea a mulher ainda ocupa um lugar secundário seja como personagens escritoras, editoras, críticas

literárias e entre outros cargos. Diante disso, podemos perceber que os espaços dados à literatura de autoria feminina ainda são escassos e limitados e que tanto a publicação de suas obras como a premiação são dificultadas.

As mulheres que possuíam acesso à educação e possuíam o ímpeto de fazer literatura foram vítimas de muito preconceito e falta de reconhecimento. Para publicarem suas obras, utilizavam recursos como o anonimato, o uso de 41 pseudônimos ou mesmo a publicação de suas obras sob a falsa autoria de outros escritores. Essa realidade salienta uma hierarquização contundente presente em todas as camadas sociais, responsável por podar grandes escritoras, que sequer têm seus nomes registrados nos livros de história da literatura. (CASARIN, 2019, p. 40-41).

Logo, a literatura de autoria feminina, assume, então o papel tanto de luta pelo direito de expressão como de resistência em trazer novos olhares e novas perspectivas para temas como sexualidade, a religião e entre outros associados a mulher que não eram discutidos devidamente como o aborto e a maternidade passam a ter mais força à medida que o feminismo avança.

Dentre os fatores mais importantes que atuam na "gestação" dessa "nova" mulher (cuja presença na Sociedade se faz cada dia mais forte), destacamos o amadurecimento crescente de sua consciência crítica. Consciência que a força a se posicionar, não só em relação à falência do modelo-de-comportamento feminino, herdado da Sociedade Tradicional (a Sociedade cristã/burguesa/liberal patriarcal/capitalista que vem sendo questionada e abalada em seus alicerces desde o início do século), como também quanto à interdependência existente ou imposições do contexto sócio-cultural em que essa criação surge. (COELHO, 1991, p. 95).

No Brasil especificamente, apenas durante o século XX autoras como Rachel de Queiroz, Clarice Lispector e Cecília Meireles ganharam a atenção da crítica e do público tornando-se grandes nomes da literatura nacional, cada uma com seu estilo. Mas, apesar desse avanço, os tabus acerca da personalidade das autoras tiravam a atenção da qualidade inquestionável das suas obras, o que tornava a análise da obra uma análise de dados pessoais e bibliográficos.

[...] Clarice Lispector, Raquel de Queiroz, Ana Maria Machado, Adélia Prado, Zulmira Ribeiro, dentre outras, que, à luz de Xavier (1998), configuraram personagens que foram sujeitadas ao regime patriarcal mas, em alguns momentos, mesmo timidamente, procuraram rasurar esse regime na tentativa de encontrar rotas de fuga capazes de torná-



las mais autônomas, mais emancipadas e liberadas de pesadas cargas de valores ideológicos que reiteravam o machismo (SILVA, 2021, p. 16)

O momento que levou as mulheres a perceberem sua força e a importância da sororidade e da resistência ainda é recente, são avanços inegáveis não somente para a literatura, mas para a constituição da nossa sociedade. Apesar dos incontáveis preconceitos e desafios é necessário questionar esses padrões e enfrentá-los e lutar pela inserção e protagonismo da mulher no espaço literário. Dalcastagnè (2018) argumenta que há uma necessidade visível dessas vozes marginalizadas no mercado editorial brasileiro. Conforme a referida crítica, esses sujeitos são quem poderão chamar a atenção para as questões sociais e alterar um pouco o quadro de representatividade por um conjunto de obras.

Portanto, a literatura de autoria feminina possibilita que as mulheres se tornem sujeitos do discurso. Conseqüentemente, Lispector foi necessária para expressar uma postura dentro da subalternidade enquanto mulher, estrangeira e judaica que escrevia sobre personagens protagonistas femininas demarcadas por aspectos tanto de introspecção como reflexão social, isso que se torna mais visível em *Macabéa*.

### 3. MACABÉA, A ESTRELA NORDESTINA NA MORTE?

Abordaremos neste tópico uma análise interpretativa da obra *A hora da estrela* (1998) de Clarice Lispector. Como principal reflexão, trazemos o papel da mulher nordestina em Macabéa, contudo, também abordaremos a presença de outros personagens da narrativa que contribuem para nitidez da figura marginalizada da protagonista.

Este estudo organiza-se em primeiro momento, traçando uma percepção geral da obra, após, perceberemos o estereótipo feminino na construção representativa desse romance moderno e, por fim, traremos a protagonista do enredo como símbolo de debate sobre as questões culturais negativas e enraizadas na sociedade.

#### 3.1 As personagens femininas no universo romanesco de Lispector

Entendemos as produções literárias impregnadas de marcas históricas, políticas e sociais decorrentes do período em que foram produzidas, dito isso realizamos uma análise a qual considera os elementos extratextuais. Logo, neste tópico iremos analisar os elementos que compõem algumas personagens femininas de Lispector, reconhecendo os contextos que perpassam pela sua prosa.

A literatura de Lispector ganha destaque, essencialmente, por ser intimista, isto é, voltada para os sentimentos e impressões das personagens que, em sua maioria, eram construídas em primeira pessoa e de forma quase inédita no contexto moderno, Milliet argumenta que:

A obra de Clarice Lispector surge no nosso mundo literário como a mais séria tentativa de romance introspectivo. Pela primeira vez um autor nacional vai além, nesse campo quase virgem da nossa literatura, da simples aproximação; pela primeira vez um autor penetra até o fundo a complexidade psicológica da alma moderna, alcança em cheio o problema intelectual, vira no avesso, sem piedade nem concessões, uma vida eriçada de recalques. (MILLIET, 1981, p. 32).

Outrossim, o período de publicação de suas obras foi marcado por transformações políticas, econômicas e culturais. As produções da autora modernista surgiram em um período de revolução ocasionado pelo feminismo, o que as tornaram símbolo da literatura de autoria feminina. Zolin (2005) explora que Lispector inaugura uma nova narrativa dentro do espaço fechado à mulher, entretanto, suas obras não

se preocupam fundamentalmente na resistência dos direitos feministas, mas que se aborda em seus romances “críticas contundentes aos valores patriarcais, tornando visível a pressão feminina nas práticas sociais, numa espécie de consequência do processo de conscientização desencadeado pelo feminismo” (ZOLIN, 2005, p. 279-280).

As personagens femininas de Lispector são mulheres comuns que têm questões profundas e existenciais, seus pensamentos, questionamentos e posicionamentos sobre o mundo e sobre elas mesmas são sempre ressaltados, construindo uma relação entre leitor e obra muito mais íntima.

[...] o perfil estrutural descentrado da ficção de Clarice, que ao flagrar personagens, na maioria mulheres, em estado de mal, ou de mal-estar, faz brotar no leitor uma reação esquisita, também proveniente da sensação de um certo desconcerto do mundo, em desequilíbrio: como se se encontrasse talvez e também, tal como Lucrecia, “com a cabeça para baixo e uma perna saltando fora”. (GOTLIB, 1988, p.52).

Os papéis femininos em Clarice Lispector inquietam os leitores, uma vez que, observamos enredos que envolvem situações de possível incômodo através de personagens com profundas características psicológicas e em momentos pouco lúcidos ou em debate com a realidade.

*Perto do Coração Selvagem* é o primeiro romance de Clarice Lispector, publicado no Brasil, em dezembro de 1943, pela editora “A Noite”, após iniciativa de Lúcio Cardoso, o primeiro leitor do romance. A personagem Joana passa por conflitos que problematizam o casamento como obrigatório na vida das mulheres do início do século XX e a narrativa expressa angústias vividas por mulheres brasileiras, criando vínculos entre literatura e condições sócio-históricas, conforme vemos no seguinte trecho do referido romance:

Antes dele estava sempre de mãos estendidas e quanto oh quanto não recebia de surpresa! De violenta surpresa, como um raio de doce surpresa, como uma chuva de pequenas luzes... agora tinha todo o seu tempo entregue a ele e os minutos que eram seus ela os sentia concedidos, partidos em pequenos cubos de gelo que devia engolir rapidamente, antes que se derretessem. (LISPECTOR, 1980, p. 115).

A protagonista do romance não se encaixa no modelo de sociedade tradicional que dita como deve portar-se a mulher. Clarice coloca em Joana uma

personalidade inacabada, que se constitui aos poucos e não se deixa moldar, não se permitiu alienar, pois o romance constrói a jornada da personagem rumo a uma transgressão e a construção da sua identidade.

Outras personagens femininas trazem o debate da mulher com anseios e epifanias que questionam seu próprio contexto sócio-histórico, cultural e econômico. Em *A paixão segundo G.H* (1996) temos uma personagem negra e doméstica, Janair, apesar de apenas citada ligeiramente na obra, traz nessa ligação de característica a problemática da mulher negra em posições econômicas inferiores; posteriormente, a protagonista em seu fluxo descontínuo de consciência apresenta reflexões sobre ideias culturais acerca da morte da essência material.

Em *Uma aprendizagem ou o livro dos prazeres* (1998), observamos uma série de discursos moralistas em torno da posição feminina nos conflitos sociais de domínio do homem, “Lóri busca enquadrar-se na aprendizagem imposta por Ulisses para que possa ser mulher dele por inteira, tanto corpo quanto alma” (REGÔ, 2021, p. 3).

A partir das citações de algumas obras de Clarice Lispector, compreendemos uma importância na abordagem de mulheres em face aos valores da sociedade patriarcal e estratificada. E, por fim, tratamos uma reflexão sobre *A hora da estrela* (1998), onde temos Macabéa em leitura, a evasão de sujeitos do sertão nordestino para o sudeste do país em busca de reconhecimento, mas que se deparam com preconceito e exclusão dentro da sociedade.

### **3.2 A hora da estrela: breve relato**

A jovem sertaneja e raquítica, Macabéa, lida com a morte e as dificuldades ainda na infância. Órfã aos dois anos, começa a morar com sua tia em Maceió, com ela aprendeu sobre superstições e adquiriu tabus. A tia, sua única parente, nunca se casou e havia julgamentos pejorativos sobre a prostituição, esses fatos formaram parte da personalidade religiosa e moral da sobrinha que recebia castigos sem razões justificáveis, apenas pelos preconceitos culturais. Você endoidou, criatura? Pintar-se como uma endemoniada? Você até parece mulher de soldado. – Sou moça virgem! Não sou mulher de soldado e marinheiro. (LISPECTOR, 1998, p. 66).

Assim, os sofrimentos na infância de Macabéa não se limitaram à perda dos pais, estes que ela pouco recordava, ou à ideia de morte pelas doenças trazidas da seca, mas às restrições em sua vida juntamente com seu vazio existencial, “as pancadas ela esquecia, pois, esperando-se pouco a dor termina por passar. Mas o que doía mais era ser privada da sobremesa de todos os dias: goiabada com queijo, a única paixão na sua vida” (LISPECTOR, 1998, p. 36), assim, identificamos no desejo pela goiaba com queijo uma representação dos poucos prazeres negados a ela durante os dias.

Desse modo, nesta obra, Clarice Lispector guia-nos para um entendimento geral: Macabéa é deslocada do seu lugar social, a personagem possui o sentimento de necessidade por um espaço de reconhecimento, o qual aqueles que passam por ela consigam enxergá-la, onde ela possa sentir-se e ser encaixada, onde ela não fosse uma subclasse, “ela não era nem de longe débil mental, era à mercê e crente como uma idiota” (LISPECTOR, 1998, p. 37). É assim que o narrador onisciente, Rodrigo S. M., a encontra no Rio de Janeiro, cidade a qual ela migra junto com a tia que morre após a chegada, principal cenário da prosa, onde vive marcada pela fome e pela incerteza de si.

Com apenas uma troca de olhares do narrador com a protagonista Ihe é revelado a história dessa personagem – “É que numa rua do Rio de Janeiro peguei no ar de relance o sentimento de perdição no rosto de uma moça nordestina” (LISPECTOR, 1998, p. 18). Conforme Sá (2021), o narrador haveria construído Macabéa a semelhança de uma “massa” brasileira provinda do Nordeste: feia, ignorante, alienada pelos meios da indústria cultural e inconsciente da sua própria posição na sociedade, bem como percebia-se incomodado por esse sujeito não pertencente a classe média.

A figura de Rodrigo S. M. é singular, sem origens humildes como a imigrante dessa narrativa, constrói uma história a qual ele tenta desviar da melancolia e do sentimentalismo que, de forma irônica, são aspectos presentes nas outras obras de Clarice Lispector. O narrador vê-se em uma confusão na escrita do seu enredo, porque a vida de Macabéa, é uma vida de “nãos”, sem afetos, vaga, ausente de qualquer posicionamento e crítica, bem como não sabe se expressar. Na passagem abaixo, por exemplo, vemos como ela é descrita como sujeito de poucas necessidades em uma classe social marginalizada e passiva de resistência talvez por ausência de perspectivas.

Outro retrato: nunca recebera presentes. Aliás não precisava de muita coisa. Mas um dia viu algo que por um leve instante cobiçou: um livro que Seu Raimundo, dado a literatura, deixara sobre a mesa. O título era “Humilhados e Ofendidos”. Ficou pensativa. Talvez tivesse pela primeira vez se definido numa classe social. Pensou, pensou e pensou! Chegou à conclusão que na verdade ninguém jamais a ofendera, tudo que acontecia era porque as coisas são assim mesmo e não havia luta possível, para que lutar? (LISPECTOR, 1998, p. 46).

A protagonista desse romance é alfabetizada, mas não possui formação superior de prestígio, apenas um curso de datilografia, “sou datilógrafa e virgem, e gosto de Coca-Cola” (LISPECTOR, 1998, p. 43). Uma proletária nordestina que garante um emprego em uma metrópole brasileira do Sudeste (Rio de Janeiro), este que não é assegurado por Raimundo Silveira ou leis trabalhistas - o chefe da firma de representante de roldanas avisou-lhe com brutalidade, “brutalidade essa que ela parecia provocar com sua cara de tola, rosto que pedia tapa [...]” (LISPECTOR, 1998, p. 32).

Macabéa conhecia da História, por exemplo, apenas aquilo que ouvia na Rádio Relógio em meio aos anúncios e propagandas, “mas Macabéa de um modo geral não se preocupava com o próprio futuro: ter futuro era luxo. Ouvira na Rádio Relógio que havia sete bilhões de pessoas no mundo. Ela se sentia perdida” (LISPECTOR, 1998, p. 92-93). Logo, sua preocupação era um encontro introspectivo, um reconhecimento íntimo dos seus conflitos, em contrapartida, Rodrigo S. M. relata que ela “nunca pensara em ‘eu sou eu’. Acho que julgava não ter direito, ela era um acaso. Um feto jogado na lata de lixo embrulhado em um jornal” (LISPECTOR, 1998, p. 43).

Durante a narrativa não há muitas ações de clímax, o que prevalece é a “má sorte” da nordestina, que ao final do enredo é demitida e na descrição da sua demissão (passagem transcrita abaixo) compreendemos um paralelo entre a brutalidade do homem e do patrão à mulher trabalhadora. Relatar a passividade da protagonista diante da agressividade, mostra, ao nosso entendimento, um silenciamento, assim como, ao manter Glória, “a carioca da gema” apresenta a disparidade de oportunidade entre as mulheres de regiões diferentes.

[...] nada argumentou quando o chefe da firma de representante de roldanas avisou-lhe com brutalidade (brutalidade essa que ela parecia provocar com sua cara de tola, rosto que pedia tapa), com brutalidade

que só ia manter no emprego Glória, sua colega, porque quanto a ela, errava demais na datilografia, além de sujar invariavelmente o papel. (LISPECTOR, 1998, p. 24)

Posteriormente, ao entrar na cartomante, Madame Carlota, a personagem ouve um breve relato e a afirmação de que um alemão que a tornará estrela, que o final do seu sofrimento chegará e apesar da morte a envolver durante sua trajetória, ela parece traçar pela primeira vez no romance uma perspectiva de conquista e mudança de posição social. Contudo, sua hora da estrela é na verdade o infortúnio da morte, pois a mesma é atropelada por um alemão em uma Mercedes, momento antecipado no início do romance: “Pois na hora da morte a pessoa se torna brilhante estrela de cinema é o instante de glória de cada um” (LISPECTOR, 1998, p. 36).

### **3. 3 A contraposição de estereótipos femininos: a carioca e a nordestina**

Macabéa é, constantemente, afrontada pela figura de Glória, sua colega de trabalho. Com os estereótipos da mulher carioca, esta personagem é apresentada em contraste à nordestina, sendo reconhecida no trabalho, possuindo interesses e olhares de homens, como o de Olímpio de Jesus, e demonstrando maior desenvoltura na comunicação entre os sujeitos do enredo, enquanto Macabéa é sem expectativas, de cabeça baixa, ingênua – O narrador já anunciava de que “[...] pessoa de quem falarei mal tem corpo para vender, ninguém a quer, ela é virgem e inócua, não faz falta a ninguém (LISPECTOR, 1998, p. 23).

Desse modo, apesar de Clarice Lispector ser melhor explorada em textos poéticos de análise filosófica e introspectiva, em *A hora da estrela* (1998) há uma quantidade expressiva de reflexões sociais em relação às outras obras, uma vez que, aborda mais visivelmente uma personagem invisibilizada pela sociedade carioca. A existência de Macabéa pode ser argumentada dentro do processo de alteridade, seu olhar ou locus é conforme Bhabha (2007, p. 76) “[...] visível na troca de olhares entre o nativo e colono, que estrutura sua relação psíquica na fantasia paranoide da posse sem limites e sua linguagem familiar de reversão”. Apesar da referência ao complexo do colonizado no desejo de também colonizar, Bhabha (2007) vai nos levar a perceber que Glória também se posicionava numa posição hierárquica para existência da personagem Macabéa.

Temos em Glória a ideia de superioridade e riqueza que se justificava ao afirmá-la como carioca descendente de portugueses com africanos. Logo, quando se descreve a aparência dela, percebemos uma importância às características do “amarelo”:

Glória possuía no sangue um bom vinho português e também era amaneirada no bamboleio do caminhar por causa do sangue africano escondido. Apesar de branca, tinha em si a força da mulatice. Oxigenava em amarelo-ovo os cabelos crespos cujas raízes estavam sempre pretas. Mas mesmo oxigenada ela era loura, o que significava um degrau a mais para Olímpio. (LISPECTOR, 1998, p. 63).

Na citação referenciada logo acima, podemos entender problemáticas de racismo e xenofobia. Ao considerar “o sangue africano escondido” quando nos encontramos em um país de descendência essencialmente afro e posicionar-se em “um degrau a mais” de aceitação por caracterizar-se como uma loura carioca fica na narrativa um pano de fundo ao debate de estereótipos mais aceitos dentro da sociedade brasileira.

Rodrigo S.M continua a descrever Glória como uma personagem mais “carnuda” em relação à Macabéa. Essa perspectiva, traz outro embate: a nordestina vítima da fome e miséria prolongada com a sulista sedutora, com corpo desejável. Em grande parte da narrativa, a imigrante depara-se vivendo a margem financeira e comendo sem saciar-se, logo apresentando-se com um corpo desvalorizado perante uma sociedade capitalista que valoriza as aparências estéticas. Em relação a personagem carioca, temos a valorização física e a simpatia dos outros personagens que se envolvem por suas características. O próprio Olímpio de Jesus, namorado de Macabéa, acaba trocando a alagoana pela carioca:

É que Glória lhe dissera, quando lhe fora apresentada por Macabéa: “sou carioca da gema!” Olímpio não entendeu o que significava “da gema” pois esta era uma gíria ainda do tempo de juventude do pai de Glória. O fato de ser carioca tornava-a pertencente ao ambicionado clã do sul do país. Vendo-a, ele logo adivinhou que, apesar de feia, Glória era bem alimentada. E isso fazia dela material de boa qualidade. (LISPECTOR, 1998, p. 63).

Outro ponto, os julgamentos à Macabéa pelo “clã do sul do país” são justificáveis desse modo como algo natural e de direito, uma vez que, o grupo



dominante, sendo aquele ambicionado, validava os aspectos xenofóbicos pela postura de estar em “patamar” de nacionalidade.

Por conseguinte, mesmo que ambas as personagens ocupem os mesmos espaços de trabalho e cotidiano urbano, são opostas/desiguais nas oportunidades e nos olhares que se seguem no enredo. Até a descrição dada ao físico e ao psicológico são contrastantes: Glória é confiante e segura, enquanto Macabéa ao olhar-se “enxergou a cara toda deformada pelo espelho ordinário, o nariz tornado enorme como o de um palhaço de nariz de papelão. Olhou-se e levemente pensou: tão jovem e já com ferrugem” (LISPECTOR, 1998, p. 40).

### **3. 4 Macabéa: uma imigrante nordestina no Rio de Janeiro**

O processo de migração leva ao debate o termo de “adaptação”, e como adaptou-se Macabéa no Rio de Janeiro e na vida? Posto isto, introduzimos nossa análise interpretativa com o nome dado a protagonista do romance.

Após um ano de vida, Macabéa recebe esse nome em homenagem à Nossa Senhora da Boa Morte. Essa questão pode refletir-se de acordo com o final da prosa, contudo, pontuamos outra justificativa para esse nome. Conforme Berta Waldman (2011), esse nome é de origem bíblica e vem dos Macabeus, povo que simboliza resistência em seus trajetos, isso expressa a força que ela possuía em continuar “sobrevivente” no cenário negativo.

Em concordância com esse ponto, Alfredo Bosi (1996, p. 11), ao falar sobre resistência, afirma que “o seu sentido mais profundo apela para a força da vontade que resiste a outra força, exterior ao sujeito”. Assim, percebemos que a protagonista, em seus atos de resistência, consegue, de certa forma, subverter aquilo que estava a sua volta, seu exterior. Apesar de como era recebida e vista em sociedade, insiste na busca de ser feliz em meio as condições que estava destinada e ao que a sociedade esperava dela.

Macabéa apassiva-se sobre todas as inferioridades impostas a ela, estabelecendo-se no grupo de minorias da classe baixa e carecendo-se de criticidade. Ela é posta em semelhança ao conjunto subalterno de outras trabalhadoras que não se encontram engajadas em lutas sindicalistas, por exemplo.

Como a nordestina, há milhares de moças espalhadas por cortiços, vagas de cama num quarto, atrás de balcões trabalhando até a estafa.

Não notam sequer que são facilmente substituíveis e que tanto existiriam como não existiriam. Poucas se queixam e ao que eu saiba nenhuma reclama por não saber a quem. Esse quem será que existe? (LISPECTOR, 1998, p. 47).

No trecho acima percebemos que Macabéa, tal como outras mulheres que buscavam na metrópole qualidade de bem-estar, são direcionadas para cenários periféricos. Observamos também que este grupo não sabe a quem recorrer para reclamar e exigir direitos. O narrador afirma só ele ter olhos para sujeitos como estes.

Conforme Silveira e Oliveira (2020, p. 259), a principal figura em *A Hora da estrela*, a nordestina, reatualiza de várias maneiras a angustia de narradores como Rodrigo S. M, estes que são intimidados a representar um sujeito que vaga pelas ruas das cidades e são marginalizados pela sociedade das grandes capitais brasileiras.

Olímpico de Jesus, bem como a nordestina, são detalhados com formas animaiscaas perante a sociedade carioca – “o rapaz e ela se olharam por entre a chuva e se reconheceram como dois nordestinos, bichos da mesma espécie que se farejam” (LISPECTOR, 1998, p. 59). Em algumas outras vezes Rodrigo S. M. compara Macabéa “como um cachorro que não sabe que é cachorro” (LISPECTOR, 1998, p. 42), com isso denuncia o contexto no Rio de Janeiro da década de 70 onde os imigrantes nordestinos encontravam-se como uma massa a qual estava “desconexa” com os indivíduos do cenário, apesar que “havia toda uma subclasse de gente mais perdida e com fome” (LISPECTOR, 1998, p. 45).

Assim, podemos pressupor que o anseio de Macabéa reencontra-se, ter o seu momento de torna-se visível, pode decorrer da noção posta em que o nordestino vive em um estado de subalternidade o qual necessita de uma voz que a represente, neste caso, o narrador do romance. Segundo Araújo (2021, p. 125) a subalternidade de Macabéa é apresentada desde criança quando ela apanhava da tia sem questionar o “porquê?” e comportava-se sem expressar sua vontade de “vencer”.

Ela sofria? Acho que sim. Como uma galinha de pescoço malcortado que corre espavorida pingando sangue. Só que a galinha foge - como se foge da dor - em cacarejos apavorados. E Macabéa lutava muda. [...] Algumas pessoas brotaram no beco não se sabe de onde e haviam se agrupado em torno de Macabéa sem nada fazer assim como antes pessoas nada haviam feito por ela, só que agora pelo menos a espivavam, o que lhe dava uma existência. (LISPECTOR, 1998, p.100).

Por fim, analisamos a questão do atropelamento da protagonista. Temos a falta de atenção em Macabéa, personagem tão “invisível” que só foi percebida quando um sujeito de alta condição aquisitiva choca-se com ela. Em *A Hora da estrela* (1998) identificamos a classe baixa esquecida, ignorada e confusa sobre sua posição, observamos quem é a mulher sertaneja inserida no âmbito urbano e não enxergada por ele, onde “a elas certos comportamentos, posturas, atitudes e até pensamentos foram impostos” (FALCI, 2004, p. 241) por aspectos de um patriarcado, do capitalismo crescente nas metrópoles da região sudeste e, essencialmente, na política de ignorância aos discursos de igualdade de gênero, onde a mulher assume certa postura de visibilidade.

#### 4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Com a leitura de *A hora da estrela* (1998), inquietou-nos o papel da mulher nordestina como marginalizada no sul do país. Vimos em Macabéa uma personagem que representa um sujeito importante na literatura, o sujeito feminino enraizado em discursos subalternos. Ademais, partimos da necessidade de construções literárias de autoria feminina e produzidas por mulheres.

Logo, percebemos com a pesquisa as concepções da literatura relacionada intimamente com a prática social, assim, trazendo temas sobre problemáticas que cercam a posição da mulher na sociedade literária, bem como na prosa nacional.

Compreendemos Clarice Lispector sobretudo, como um pilar para fortalecer a circulação e o lugar do feminino nas manifestações artísticas e no contexto contemporâneo visto o grande percurso de silenciamento das mulheres nas produções, bem como identificamos a personagem desenvolvida por essa escritora como uma denunciadora de questões do presente de discriminações com o povo nordestino, sobretudo a mulher nordestina. Assim, as interpretações das obras teóricas trouxeram ideias como a literatura enquanto prática social, o sujeito como representação dentro de uma leitura da sociedade e a mulher em condições subalternas.

Por fim, aprontamos a relevância desse artigo no âmbito acadêmico para acrescentar tanto nos debates de literatura feminina brasileira como nas discussões de cunho analítico sobre Clarice Lispector.

## 5 REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BHABHA, Homi K. **O local da cultura**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2007.

BOSI, Alfredo. Narrativa e resistência. **ITINERÁRIOS–Revista de Literatura**, 1996.

CANDIDO, Antônio. **Literatura e Sociedade**. Rio de Janeiro: Outro sobre azul, 2006.

CASARIN, Jessica. **Literatura de autoria feminina contemporânea e resistência: o movimento mulherio das letras**. 88 p. Tese de Mestrado em Letras. Departamento de Linguística, Letras e Artes, Campus de Frederico Westphalen, Rio Grande do Sul. 2019.

COELHO, Nelly Novaes. A literatura feminina no Brasil contemporâneo. **Língua e Literatura**, n. 19, p. 91-101, 1991.

DA SILVA SILVEIRA, Julienne; OLIVEIRA, Viviane Cristina. A QUESTÃO SOCIAL NA OBRA “A HORA DA ESTRELA”, DE CLARICE LISPECTOR. **Humanidades & Inovação**, v. 7, n. 16, p. 253-260, 2020.

DALCASTAGNÈ, Regina. A crítica literária em periódicos brasileiros contemporâneos: uma aproximação inicial. **Estudos de literatura brasileira contemporânea**, p. 195-209, 2018.

DE ARAUJO CORTES, Cristiane Felipe Ribeiro. **As pontas de uma estrela: poéticas do silêncio em Macabéa e Ponciá**. Disponível em: <https://repositorio.ufmg.br/handle/1843/LETR-ATBPKJ> Acesso em: 13de outubro de 2021.

FALCI, Miridan Knox. Mulheres do sertão nordestino. **História das mulheres no Brasil**, v. 10, p. 241-277, 2004.

GOTLIB, N. B. **Uma aprendizagem dos sentidos**. Três vezes Clarice, Rio de Janeiro: CIEC/Escola de Comunicação da UFRJ, v. 7, p.12-24, 1988.

LISPECTOR, Clarice. **A hora da estrela**. Rio de Janeiro: Editora Rocco, 1998.

\_\_\_\_\_. **Perto do coração selvagem**. 7. Ed. Rio de Janeiro: Nova fronteira, 1980.

\_\_\_\_\_. **A paixão segundo GH**. Editorial Universidad de Costa Rica, 1996.

\_\_\_\_\_. **Uma aprendizagem ou o livro dos prazeres**. Rio de Janeiro: Rocco, 1998.

MILLIET, Sérgio. **Diário crítico de Sérgio Milliet**. 2 ed. São Paulo: Martins, 1981. vol. I.

REGÔ, S. **UMA APRENDIZAGEM OU O LIVRO DOS PRAZERES: FEMININISMO X CULTURA PATRIARCAL**. Disponível:

[https://editorarealize.com.br/editora/anais/conages/2016/TRABALHO\\_EV053\\_MD1\\_SA10\\_ID791\\_14032016184405.pdf](https://editorarealize.com.br/editora/anais/conages/2016/TRABALHO_EV053_MD1_SA10_ID791_14032016184405.pdf) Acesso: 13 dez. 2021.

SÁ, Lúcia. A hora da estrela e o mal estar das elites. **Estudos de Literatura Brasileira Contemporânea**, n. 23, p. 49-65, 2004.

SCHWANTES, C. **Dilemas da representação feminina**. Vol. 6. Brasília: OPSIS, 2006.

SILVA, Antonio de Padua Dias. Literatura Brasileira Contemporânea: da mulher às mulheres. **REVISTA FÓRUM IDENTIDADES** | Itabaiana-SE, Universidade Federal de Sergipe, v. 33, nº 1, p. 13-30, jan-jun de 2021.

SOIHET, Rachel. Violência Simbólica. Saberes Masculinos e representações femininas. **Estudos Feministas**, v.5, n.1, p.7-29, 1997.

WALDMAN, Berta. Por linhas tortas: o judaísmo em Clarice Lispector. **Arquivo Maaravi: Revista Digital de Estudos Judaicos da UFMG**, v. 5, n. 8, p. 26-35, 2011.

ZOLIN, L. O. Literatura de autoria feminina. In: BONNICI, T.; ZOLIN, L. O. (Org.). **Teoria literária: Abordagens históricas e tendências contemporâneas**. 2. ed. Maringá: EDUEM, 2005, p. 275-283.

ZOLIN, Lúcia Osana. A literatura de autoria feminina brasileira no contexto da pós-modernidade. **Ipotesi**, v. 13, n. 2, p. 105 - 116, jul./dez. 2009.